

## TEMPORADA DO NINHO VAZIO

Joan Mills

Você se lembra de quando seus filhos armavam tendas de cobertor para dormir dentro delas? Depois pulavam durante a noite para suas camas onde ficariam a salvo dos ursos? E de como se mostravam orgulhosos e ansiosos para começar o jardim-de-infância? Mas, só até o momento em que chegavam lá? E a época em que arrumavam mochilas, muito ofendidos?

– Você não vai nos ver de novo! – gritavam, voltando logo depois por terem esquecido de ir ao banheiro?

O mesmo acontece quando têm vinte ou vinte e dois, começando a abrir caminho no mundo dos adultos. Bravatas, angústia, falsos começos e perigos imprevistos. Estão meio dentro, meio fora. – Adeus! Adeus! Não se preocupe, mamãe! – Eles voltam na primeira semana para pedir o rolo de pintura emprestado, um fusível e uma vassoura. Ao examinar o sótão, agarram a colcha que o cachorro comeu e as terríveis almofadas do sofá velho que têm cheiro de ratos mortos. – E isso mesmo que eu preciso! – dizem, enchendo o carro.

– Adeus! Adeus! – deixando implícito que será para sempre. Mas, aparecem sem aviso na hora do jantar, suspirando fundo ao verem os pratos familiares e substanciosos. Vão de novo embora, carregando quatros sacos de mantimentos, a frigideira elétrica e um livro de receitas.

Telefonam para casa a cobrar, mas não tantas vezes quantas os pais desejariam. E as novidades deles fazem os cabelos grisalhos ficarem de pé: – Ele esqueceu de puxar o breque e disse que meu carro rolou três quarteirões, de ré, ladeira abaixo antes que fosse destruído! – Ou, – Um caso simples de último contratado, primeiro demitido, nada demais. Vendi o aparelho de som, e... – Ou ainda, – Mamãe! Todos na cidade têm isso. Esse negócio contra baratas que você coloca debaixo da pia. É...

Eu agarrava o telefone com as duas mãos naqueles dias, desejando poder subornar meus filhos para voltarem e dar-lhes tudo que quisessem – aulas de bateria, uma conta permanente na lanchonete, qualquer coisa. Eu lutava com um impulso inconveniente de alertá-los mais uma vez sobre não queimar a boca, cuidado ao atravessar as ruas e o uso de meias secas em dias úmidos.

– Estou impressionada em ver como você resolve bem as coisas! – dizia em vez disso.

Os filhos vão embora e os pais se aproximam, lembrando o peso doce dos bebês em seus braços, calças remendadas, catapora, a noite do acidente, os rituais do Natal e as festas do colégio. Com orgulho saudoso e uma veia um tanto cômica, eles observam sua prole de uma distância mantida com esforço. É a temporada do ninho vazio.

Devagar, bem devagar, surgem mudanças. Algo maravilhoso parece pairar sobre eles, levemente ouvido, vislumbrado em momentos iluminados. Ao visitar os filhos, os pais ficam quase certos disso.

Um filho estende uma toalha na mesa e eficientemente faz um friso perfeito em sua calça social. *(Tábua de passar, a mãe pensa, fazendo um*

*acréscimo mental na lista de compras*) – Vou levar você a um restaurante francês para jantar, – o jovem anuncia. – Já fiz reservas.

– Estou vestida adequadamente? – pergunta a mãe, com certa timidez. Ele a leva pelas ruas com uma aura de segurança. O braço rodeando levemente os ombros dela.

Ou uma filha oferece aos hóspedes de honra as duas únicas cadeiras que possui e se acomoda numa pilha de travesseiros, como as de um harém. Ela cultivou mudas de plantas, prendeu uma porção de quadros na parede, passou três fins de semana dando um acabamento na pequena cômoda que brilha agora num quadrado de sol.

Os pais a observam com amor atônito. O quarto ganhou beleza com o seu toque. – Tudo encantador, – dizem eles. – É um verdadeiro lar.

Agora? Será agora? Sim. Algo maravilhoso realmente acontece. As gerações sorriem uma para outra, como se trocando parabéns. As crianças não são mais crianças. Os pais ficam reverentes ao descobrirem adultos.

É esplêndido, de maneiras que a minha imaginação nem começara a sonhar. Como eu podia ter adivinhado – quem diria? – que dos meus três, exatamente o tímido, iria absorver do ar uma série de competências e aparecer, conversando com total descontração, em shows de TV? Que aquele que transformou sua adolescência na Terceira Guerra Mundial, encontraria seu papel no serviço árduo e sensível de assistência a outros seres humanos? Ou que o filho que não gostava de livros e atormentava os professores, se transformaria num erudito, tolerando viver como um estudante pobre e escrevendo noite adentro?

Eu não havia suspeitado que meus jovens adultos pudessem mostrar-se tão engraçados num minuto e tão introspectivos no seguinte; tão francos e espontâneos. Ou que o fato de crescerem os inspiraria a fazer seguro de vida, comprar ternos elegantes e emprestar dinheiro aos irmãos de quem antes roubavam pirulitos. Ou que ao entrar em suas casas eu iria ouvir Mozart no toca-fitas e encontrar livros interessantes, que poderia pedir emprestados.

Há muito tempo, esperei nove meses de cada vez para ver quem eles seriam, bebês recém-formados e admiráveis. – Oh, veja! – disse eu e me apaixonei, meus filhos são agora admiravelmente novos para mim de maneira diferente e estou outra vez apaixonada.

Minha filha e eu compartilhamos livremente o mundo complexo de nosso íntimo e todos os outros mundos que conhecemos. Comovida, noto como os seus ritmos e gestos me fazem lembrar de sua avó ou de mim. Estamos ligadas por mistérios inconscientes e benignamente observadas por fantasmas. Viro a cabeça para olhá-la. Ela encontra o meu olhar e sorri.

Um filho atravessa todo o país de avião para gozar as férias depois de um ano inteiro. Ele me segue pela cozinha, abrindo as panelas para experimentar a comida e me passando os pratos. Nos bronzeamos ao sol. Lemos em sincronia silenciosa. Ele corre. Eu cuido das flores. Andamos pela praia, observando as ondas preguiçosas. Conversamos sem parar, e mais tarde jogamos cartas até depois da meia-noite. Estou imensamente feliz.

– As férias são suas! – digo a ele. – O que quer fazer de especial? – Isto, – responde. – Exatamente isto.

Quando meus filhos saíram de casa pela primeira vez, senti que estavam voando para o espaço exterior, seguindo uma curva de luz e

tempo para lugares tão desconhecidos que meu coração iria com certeza desfalecer se tentasse segui-los. Pensei que seria o fim dos meus dias de mãe. E não aquilo que descobri que é na verdade – a melhor parte, o elo final e mais firme; o alvo e a recompensa.